

ENTREVISTA

Michael Buckland

Michael Buckland Keeble é professor emérito da *Universidade de Berkeley – School of Information* – e co-diretor da Iniciativa Cultural Atlas Eletrônico. Nasceu e cresceu na Inglaterra tendo iniciado seus trabalhos na área da Informação como estagiário na Biblioteca Bodleian da Universidade de Oxford, Inglaterra, onde estudou História, em nível de graduação. Após sua formação em Biblioteconomia na Universidade de Sheffield, em 1965, entrou para a equipe da *Lancaster University Library*, em 1965, um ano depois de sua fundação. De 1967 a 1972 foi responsável pela rotina da Unidade de Pesquisa da Biblioteca da Universidade de Lancaster, onde realizou uma série de estudos sobre o uso e a disponibilidade de livros, jogos e gerenciamento de bibliotecas. Sua tese de doutorado, resultado de suas pesquisas em Sheffield, foi publicada como livro pela Pergamon em 1975.

Em 1972 mudou para os Estados Unidos para trabalhar nas bibliotecas da *Purdue University*, onde foi Assistente de Direção de Bibliotecas de Serviços Técnicos, antes de se tornar reitor da Faculdade de Biblioteconomia e Informação, em Berkeley, de 1976-1984. De 1983 a 1987 atuou como Vice-Presidente Adjunto para a Biblioteca de Planos e Políticas de nove campi da Universidade da Califórnia. Professor visitante na Áustria e na Austrália. Seus escritos incluem *Library Services in Theory and Context* (Pergamon, 1983), *Information and Information Systems* (Praeger, 1991), *Redesigning Library Services* (American Library Association, 1992), e *Emanuel Goldberg and his Knowledge machine* (Libraries Unlimited, 2006,).

Seus interesses incluem serviços de biblioteca, recuperação da informação, as heranças culturais e do desenvolvimento histórico da gestão da informação. Ele é co-diretor do Centro Cultural Atlas Eletrônico e é o Pesquisador Principal, com Fredric Gey e Larson Ray, dos projetos: *Search Support for Unfamiliar Metadata Vocabularies*, uma iniciativa programada para três anos com objetivo de pensar uma forma de busca de índices de assunto mais fácil e confiável; *Translingual Information Management Using Domain Ontologies*, para a busca de apoio multilinguístico; e *Seamless Searching of Numeric and Textual Resources*, para facilitar a pesquisa sobre os diferentes tipos de bancos de dados.

Foi presidente da Sociedade Americana de Ciência da Informação e Tecnologia em 1998, tendo prestado grandes contribuições à Ciência da Informação, em duas oportunidades, ao escrever em 1991, *Information-as-thing*, texto muito lido no Brasil, e que já conta com traduções e apresentações em *power point* na língua portuguesa; e, após, em 1997, o não menos famoso texto *O que é um documento?*, no qual o professor Buckland discute a documentação europeia em autores como Paul Otlet e Suzanne Briet, discussão importante que marca época na historiografia da Ciência da Informação e da Documentação, na medida em que dá vida nova a esses dois documentalistas europeus. Foi, com efeito, o biógrafo de Suzanne Briet e o primeiro autor a chamá-la “*Madame Documentación*”, expressão que se repete em outros autores simpáticos à teorização de Buckland.

InCID: It is always a pleasure to talk with a historian. Has your major in History at Oxford University (England) influenced your career in LIS?

Michael Buckland: Yes. Secondary and university education in England is highly specialized. In secondary school I specialized narrowly in history and French. At Oxford University I studied history and other subjects only as they directly supported the study of history. I was interested in economic history and in Europe in the nineteenth century. I did not want to be a teacher or a professor. I believed that libraries were socially useful institutions, so I decided to become a librarian until I found something more interesting to do. I have been involved in librarianship in different ways: as a librarian, as a library administrator, as a researcher, and as an educator – and in both England and the

InCID: É sempre um prazer falar com um historiador. Sua graduação em História na Universidade de Oxford (Inglaterra) influenciou a sua carreira em BCI?

Michael Buckland: Sim. O ensino secundário e universitário na Inglaterra são altamente especializados. Na escola secundária me especializei especificamente em história e na língua francesa. Na Universidade de Oxford, estudei história e outros assuntos apenas porque me ofereciam apoio direto para o estudo da história. Eu estava interessado em história econômica e na Europa do século XIX. Eu não queria ser professor de escola nem de universidade. Eu acreditava que as bibliotecas eram instituições socialmente úteis, por isso decidi me tornar um bibliotecário até que encontrei algo mais interessante para fazer. Tenho estado envolvido em biblioteconomia de diferentes maneiras:

USA. Fifty years later, I have still not found anything more interesting.

The technical aspects of librarianship I learned after completing my degree in history, but my history studies have influenced me in two ways. First, the study of history provides (or should provide) a broad understanding of culture and of society and it helped me to think about the role of library services in their social context and to work in different environments.

Second, starting in 1988 I became more interested in the intellectual history of library and information science, especially the forgotten world of the bibliographers, librarians, and others who pioneered "Documentation" in the late nineteenth and early twentieth century. I became fascinated by the work and ideas of the eccentric Belgian bibliographer Paul Otlet (1868-1944), the brilliant French librarian Suzanne Briet (1894-1989), and, especially, the remarkable adventures of the Russian-German engineer Emanuel Goldberg (1881-1970) who created the first electronic search engine already in the 1920s. I felt like an archaeologist who discovered the remains of a lost civilization! Goldberg is an amazing example of how completely famous people can be forgotten when others take credit for their work and

bibliotecário, como administrador da biblioteca, como pesquisador, e como educador - e tanto na Inglaterra como nos EUA. Cinquenta anos depois, eu ainda não encontrei nada mais interessante.

Aprendi os aspectos técnicos da biblioteconomia depois de terminar a minha licenciatura em história, mas meus estudos em história me influenciaram de duas maneiras. Em primeiro lugar, o estudo da história proporciona (ou deveria proporcionar) uma ampla compreensão da cultura e da sociedade e isso me ajudou a pensar sobre o papel dos serviços de biblioteca em seu contexto social e a trabalhar em ambientes diferentes.

Em segundo lugar, a partir de 1988, tornei-me mais interessado na história intelectual da biblioteca e na ciência da informação, especialmente o mundo esquecido dos bibliógrafos, bibliotecários e outros que foram os pioneiros da "Documentação" no fim do século XIX e início do XX. Fiquei fascinado com o trabalho e as idéias do excêntrico bibliógrafo belga Paul Otlet (1868-1944), a brilhante bibliotecária francesa Suzanne Briet (1894-1989), e, especialmente, as aventuras notáveis do engenheiro russo-alemão Emanuel Goldberg (1881 -1970), que criou o primeiro mecanismo de busca eletrônica já nos anos 1920. Eu me sentia

people (in this case Information Scientists) have no interest in their own history. It required 15 years of patient detective work before my biography of Goldberg was ready for publication in 2006 as *Emanuel Goldberg and his Knowledge Machine* and a German edition recently appeared. The ability to read French and German was necessary and being a professional librarian is an enormous advantage in research, but it was my extensive reading about nineteenth century continental Europe when I was a student that gave me the necessary background to understand what I was looking at.

como um arqueólogo que descobrisse os restos de uma civilização perdida!

Goldberg é um exemplo impressionante de quão completamente pessoas famosas podem ser esquecidas quando outras recebem crédito por seu trabalho e as pessoas (neste caso, Cientistas da Informação) não têm interesse por sua própria história. Foram necessários 15 anos de paciente trabalho de investigação antes que minha biografia de Goldberg estivesse pronta para publicação, em 2006, com o nome *Emanuel Goldberg and his Knowledge Machine* e uma edição alemã apareceu recentemente. A capacidade de ler em francês e alemão era necessária e ser um profissional bibliotecário é uma enorme vantagem nas pesquisas, mas foi a minha leitura extensa sobre a Europa continental do século XIX, que fiz quando eu era estudante, que me deu a base necessária para entender aquilo que eu estava contemplando.

Continua...

InCID: Our LIS Brazilian students, undergraduate and graduate levels read your text *Information-as-thing*, as a mandatory theoretical reference; and it is often cited (e.g. Kiersten Latham, “Using Buckland’s Information Concepts” *Journal of Documentation* forthcoming). To what you attribute such tremendous success? Would you say that “information-as-thing” filled a void in the nineties and presently? In what sense?

Michael Buckland: Yes, it filled and still fills an important void. When I was director of the Berkeley School of Library and Information Studies (now named School of Information) I thought that our field was too fragmented. I wanted everybody to have more interest in (and a better understanding of) how the various parts are related to each other and to their environment. So I wrote a book entitled *Library Services in Theory and Context* (1983, revised edition 1988). This was a first step. The second step was to include the wider family of collection-based information services (e.g. archives, databases, management information systems, and museums) as well as libraries. A problem was that this broader treatment required a clearer understanding of what we mean by “information” – and especially the status of objects in museum collections.

In 1987 I visited a zoology museum

InCID: Nossos alunos brasileiros de BCI, de graduação e pós-graduação, lêem seu texto *Informação-como-coisa*, como uma referência teórica obrigatória, e ele é frequentemente citada (por exemplo, Kiersten Latham, “Using Buckland’s Information Concepts” *Journal of Documentation*, no prelo). A que você atribui o enorme sucesso? Você diria que a “*Informação-como-coisa*” preencheu uma lacuna na década de noventa e atualmente? Em que sentido?

Michael Buckland: Sim, preencheu e ainda preenche uma lacuna importante. Quando eu era diretor da Escola de Biblioteconomia e Estudos da Informação de Berkeley (agora denominada Faculdade de Informação) eu pensava que o nosso campo era fragmentado demais. Eu queria que todos tivessem mais interesse (e uma melhor compreensão de) como as várias partes estão relacionadas entre si e ao seu ambiente. Então eu escrevi um livro intitulado *Library Services in Theory and Context* (1983, edição revisada em 1988). Este foi um primeiro passo. O segundo passo foi a inclusão de uma família mais ampla de serviços de informação baseado em colecionar (por exemplo, arquivos, bases de dados, sistemas de gerenciamento de informação, e museus), e também a inclusão das bibliotecas. Um problema foi que este tratamento mais amplo exigia uma compreensão mais

where I saw a cabinet containing dead birds. Why did the university expend valuable money and scarce space on a collection of dead birds? The answer, I decided, was that these specimens were informative. Students and researchers could study them to learn about the characteristics of birds. As a librarian, I could see that the collection of dead birds performed the same function as a collection of texts on a library shelf. They were not books but they were *comparable* to books – and libraries had always collected some material that were not books. So, in effect, the cabinet was a bird library.

At that time the concepts and terminology of Information Science were not yet suitable for discussing dead birds as information. However, this limitation could be solved by using the word “document” as a general technical term for all kinds of informative objects: books, datasets, manuscripts, music recordings, and, yes, collected dead birds! Later a friend showed me that a French librarian, Suzanne Briet, had published the same idea in 1951. *Bibliography*, she wrote, was concerned with access to *evidence* rather than to printed books and evidence comes in many forms. Her example was a live antelope, not a dead bird: If an antelope is

clara do que queremos dizer por “informação” – e especialmente o status de objetos em coleções de museus.

Em 1987, visitei um museu de zoologia, onde vi um gabinete com aves mortas. Por que a universidade gastou dinheiro valioso e o escasso espaço de que dispõe com uma coleção de aves mortas? A resposta, decidi, era que esses espécimes eram informativos. Estudantes e pesquisadores podiam estudá-los para conhecer as características das aves. Como bibliotecário, pude ver que a coleta de aves mortas realizava a mesma função que uma coleção de textos em uma prateleira da biblioteca. Eles não eram livros, mas eles eram comparáveis aos livros - e as bibliotecas sempre recolheram alguns materiais que não eram livros. Então, na verdade, o gabinete era uma biblioteca de aves.

Naquele tempo, os conceitos e a terminologia da Ciência da Informação ainda não eram adequados para discutir aves mortas como informação. No entanto, essa limitação poderia ser resolvida usando a palavra “documento” como um termo técnico geral para todos os tipos de objetos informativos: livros, conjuntos de dados, manuscritos, gravações musicais, e, sim, uma coleção de aves mortas! Mais tarde, um amigo me mostrou que uma bibliotecária francesa,

treated as evidence in an organized way, it has been made a “document.”

This use of the word “document” made it possible for me to complete my book on the general characteristics of collection-based information systems: *Information and Information Systems* (1991). I thought that if this idea was new and interesting for me it might be new and of interest to others, so I also summarized this aspect of the book in a separate article “Information as Thing.”

Information Science was widely thought to have begun in the USA in 1945. Reading Briet proved that this was not true. There were already very interesting ideas in Europe before 1945 and so I started to explore our field in that period and wrote another more historical paper “What is a ‘document’?” (*JASIS* 1997).

Using a document-centric view of the universe provides a good basis for making Information Science more realistic and more complete through a three-dimensional exploration of (1) the physical characteristics of information, (2) the semantic and intellectual role of information, and also (3) the pervasive social role of records (e.g. passports, tax returns, etc.). (See *A Document (Re)turn*, ed. by R Skare, N. W. Lund. (Lang: 2007)). For a satisfactory Information Science, the notion of document is

Suzanne Briet, havia publicado a mesma idéia em 1951. A bibliografia, escreveu ela, estava mais preocupada com o acesso a evidências do que com livros impressos, e evidências podem assumir muitas formas. Seu exemplo foi um antílope vivo, não um pássaro morto: Se um antílope é tratado como evidência, de uma forma organizada, foi feito um "documento".

Este uso da palavra "documento" tornou possível terminar meu livro sobre as características gerais dos sistemas de informação baseados em coleção: *Information and Information Systems* (1991). Pensei que, se essa idéia foi nova e interessante para mim ela poderia ser nova e de interesse para os outros, então eu também resumi este aspecto do livro em um artigo separado "Informação como Coisa."

Pensava-se comumente que a Ciência da Informação tivesse começado nos EUA em 1945. A leitura do trabalho de Briet provou que isso não era verdade. Já havia ideias muito interessantes na Europa antes de 1945 e então eu comecei a explorar o nosso campo nesse período e escrevi um outro artigo mais histórico "What is a document?" (*JASIS* 1997).

Utilizar uma visão do universo centrada em documentos fornece uma boa base para tornar a Ciência da Informação mais

central and particularly useful.

realista e mais completa através de uma exploração tridimensional que abrange (1) as características físicas de informação, (2) o papel semântico e intelectual da informação e também (3) o amplo papel social de registros (por exemplo, passaportes, declarações fiscais, etc.) (Ver *A Document (Re)turn*, editado por R Skare, N. W. Lund. (Lang: 2007)). Para uma Ciência da Informação satisfatória, a noção de documento é central e particularmente útil.

InCID: In your webpage, there are links to the websites of Soren Brier; Rafael Capurro; Ron Day; Bernd Frohmann; Birger Hjørland. Would you like to comment on the ideas of these authors and in what sense they fit with yours?

InCID: Em sua página na internet, há links para os sites de Soren Brier; Rafael Capurro; Ron Day; Bernd Frohmann; Birger Hjørland. O senhor gostaria de comentar sobre as idéias desses autores e em que sentido elas se encontram com as suas?

Michael Buckland: There is a problem with the word “science” in English. Unlike other European languages it does not include all fields of scholarship. In English, especially British English, “science” includes only formal and quantitative fields such as Mathematics, Chemistry, Physics and Biology. It is significantly narrower than the French *science* or the German *Wissenschaft*. During the second half of the twentieth century there was a strong desire to change documentation and librarianship into a respectable “science” – or to insist

Michael Buckland: Há um problema com a palavra "ciência" em Inglês. Ao contrário de outras línguas europeias ela não inclui todos os campos do conhecimento. Em inglês, especialmente o inglês britânico, a "ciência" inclui apenas os campos formais e quantitativos, como Matemática, Química, Física e Biologia. É significativamente mais estreito do que o termo francês *science* ou o alemão *Wissenschaft*. Durante a segunda metade do século XX houve um forte desejo de transformar a documentação e a

on the need to develop a new “scientific” field separate from documentation and library science. Very symbolically, the American Documentation Institute was renamed in 1968 as the American Society for Information Science. There are valuable quantitative specialties within Information Science, notably Bibliometrics and Information Retrieval, but they are constructed on rather unscientific foundations: “relevance” (which resists satisfactory definition or measurement) and the unclear significance of a citation.

If you are interested in “information” in relation to what people know or learn, then it cannot be a “science” in the narrow Anglo-Saxon sense without unrealistic simplifications. At most it can have the characteristics of what Herb Simon called the “sciences of the artificial.” Fundamentally, the move to be narrowly scientific and formal was inadequate and on my website I placed links to Brier, Capurro, Day, Frohmann and Hjørland because they were interesting people who argued against that move. By the beginning of the twenty-first century Information science had moved away from science towards social studies.

Ron Day and Bernd Frohmann in particular have attacked the careless and

biblioteconomia em uma “ciência” respeitável – ou de insistir na necessidade de desenvolver um novo campo “científico” separado da documentação e da biblioteconomia. Muito simbolicamente, o Instituto Americano de Documentação foi rebatizado em 1968 como a Sociedade Americana de Ciência da Informação. Existem valiosas especialidades quantitativas dentro da Ciência da Informação, notadamente a Bibliometria e a Recuperação da Informação, mas elas são construídas sobre bases bastante não-científicas: “relevância” (que resiste a uma definição satisfatória ou mensurável) e a importância de uma citação que também não é algo claro.

Se você se interessa por “informação” em relação ao que as pessoas sabem ou aprendem, então ela não pode ser uma “ciência” no estrito sentido anglo-saxão, sem simplificações irrealistas. No máximo ela pode ter as características do que Herb Simon chamou de “ciências do artificial.” Fundamentamente, o movimento para se tornar estritamente científica e formal foi inadequado e no meu site eu coloquei links para Brier, Capurro, Day, Frohmann e Hjørland porque foram pessoas interessantes que argumentaram contra esta mudança. Por volta do início do século XX, a Ciência

simplistic use of the word “information” in Information Science. See Day’s *The modern history of information: Discourse, history and power* (2001) and Frohmann’s *Deflating information: From science studies to documentation* (2004). Brier’s *Cybersemiotics: Why information is not enough!* (2008) is the most complete theorizing of Information science so far.

Other scholars in our field who have influenced me include Robert A. Fairthorne, Niels W. Lund, Raynard C. Swank, and Patrick Wilson

da Informação havia se afastado da ciência em direção aos estudos sociais.

Especialmente Ron Day e Bernd Frohmann têm atacado o uso descuidado e simplista da palavra "informação" na Ciência da Informação. Veja: *The modern history of information: Discourse, history and power* (2001) de Day e *Deflating information: From science studies to documentation* (2004), de Frohmann. O trabalho de Brier, *Cybersemiotics: Why information is not enough!* (2008) é a mais completa teorização sobre a ciência da informação até agora.

Outros estudiosos em nosso campo que me influenciaram incluem Robert A. Fairthorne, Niels W. Lund, Raynard C. Swank e Patrick Wilson.

Continua...

InCID: French authors such as Viviane Couzinet claims that American documentalists have not absorbed French and Spanish contributions as Robert Escarpit's or Jean Meyriat's ones, when considering documentation movements in Europe. Would you agree?

Michael Buckland: I suppose so. The work of Escarpit is better known than that of Meyriat. Domains of study concerned with social sciences develop different emphases in different countries and scholars prefer what is written in their own language and by their own colleagues. What is remarkable is that the work of the two leading francophone pioneers of documentation – Otlet and Briet – was largely forgotten in France and then recuperated by anglophone Americans.

InCID: Autores franceses, como Viviane Couzinet alegam que os documentalistas americanos não absorveram as contribuições francesas e espanholas como as de Robert Escarpit, ou Jean Meyriat, ao considerar os movimentos de documentação na Europa. Você concorda?

Michael Buckland: Acho que sim. O trabalho de Escarpit é mais conhecido do que o de Meyriat. Domínios de estudo que se ocupam das ciências sociais desenvolvem ênfases diferentes em diferentes países e os estudiosos preferem o que está escrito na sua própria língua e pelos próprios colegas. O que é notável é que as obras dos dois principais pioneiros francófonos da documentação - Otlet e Briet - foram amplamente esquecidas na França e depois recuperadas pelos americanos anglófonos.

Continua...

InCID: In your webpage on *Concepts of Information Management*, there is reference to a recent book of Pédauque "*La redocumentarisation du monde*" (2006). Would you say something more about this redocumentation?

Michael Buckland: The French research organization CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) financed a large multidisciplinary research project from 2003 to 2006 to investigate the procedures for and the consequences of the transition from documents from paper to digital forms. The project was entitled, in French, "Réseau Thématique Pluridisciplinaire: Documents et contenu: creation, indexation, navigation." The abbreviated name "RTP-DOC" was used to create a pseudonym "Roger T. Pédauque" for a mythical project leader. Details of this research program were published in two books with Pédauque as the imaginary author: *Le document à la lumière du numérique* (Caen: C&F editions, 2006) and *La redocumentarisation du monde* (Toulouse: Ed. Cépauès, 2007). The researchers in this project were interested in differences between paper documents and digital documents and the consequences of the transition from one technology to another – of being "re-

InCID: Em sua página na internet, no campo *Concepts of Information Management* (Conceitos de Gestão da Informação), há referência a um recente livro de Pédauque "*La redocumentarisation du monde*" (2006). O senhor gostaria de dizer algo mais sobre esta redocumentação?

Michael Buckland: A organização francesa de pesquisa CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) financiou um grande projeto de pesquisa multidisciplinar de 2003 a 2006 para investigar os procedimentos e as consequências da transição de documentos de papel para formato digital. O projeto foi intitulado, em francês, "Réseau Thématique Pluridisciplinaire: creation, indexation, navigation". O nome abreviado "RTP-DOC" foi usado para criar um pseudônimo, "Roger T. Pédauque", atribuído a um líder fictício do projeto. Os detalhes deste programa de pesquisa foram publicados em dois livros com Pédauque como o autor imaginário: *Le document à la lumière du numérique* (Caen: C&F Éditions, 2006) e *La redocumentarisation du monde* (Toulouse: Ed. Cépauès, 2007). Os pesquisadores deste projeto estavam interessados em diferenças entre os documentos em papel e documentos digitais e as consequências da transição

consequences of the transition from one technology to another – of being “re-documented” by having records and communications moved from the old technology of paper documents to the new environment of digital documents.

documentos em papel e documentos digitais e as consequências da transição de uma tecnologia para outra - de serem "re-documentados" ao ter registros e comunicações transportados de uma tecnologia antiga de documentos em papel para o novo ambiente dos documentos digitais

Entrevista enviada em: 14 maio 2011